

# Sarney reafirma sua isenção na campanha

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney voltou a reafirmar que não tomará a menor iniciativa para reformular, impulsionar ou refrear candidatos às sucessões de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Nem de qualquer outro Estado, ainda que os pedidos e as pressões sobre ele partam especialmente desses três. A Ulysses Guimarães, a Franco Montoro, a Pimenta da Veiga, a Nelson Carneiro e a Wellington Moreira Franco, com quem conversou nos últimos dias, pessoalmente ou pelo telefone, ele acentuou a disposição, assumida menos pelos entevistos verificados na Aliança Democrática do que pela necessidade de preservar a Presidência da República dos embates partidários e de possíveis recriminações posteriores, caso algum de seus preferidos e ajudados acabasse derrotado. Tomando partido em favor de determinada candidatura, pronunciando-se a respeito dela, articulando e buscando reforçar-lhe apóios, estaria dando aos adversários o direito de investir sobre ele, numa retaliação inconsultável. Já passou o tempo em que os presidentes da República iam a palanques e percorriam o País na busca de votos para o seu partido. Em paralelo, ele atenta para as consequências de uma intervenção malsucedida, o pior que lhe poderia acontecer.

Como cidadão e político, terá suas preferências e suas idiossincrasias, mas, como chefe do governo, deve atentar para o papel maior de garantir a realização livre e democrática do pleito e de poupar-se de resultados adversos. Se sua influência valer, será apenas no momento em que o eleitor comparecer à cabina indevassável, se quiser dar o voto a quem mais se integre com sua administração, seus propósitos e suas metas. Mesmo assim, numa série de casos, será difícil, tendo em vista que em muitos Estados todos os candidatos o apóiam.

Essa posição de Sarney não é retórica. Foi adotada para valer. Pode não agradar a grupos ou a postulantes, desejosos de uma ajuda de Brasília. Despertará ónus, na medida em que depois de conhecidos os resultados da eleição, muita gente lamentará a ascensão ou o retorno de inimigos da Nova República, dizendo que "se o Sarney tivesse ajudado..." Paciência, já que para o presidente seria muito pior ouvir que fulano ou beltrano perderam apesar (ou por causa) do seu empenho e da sua participação. Ganhar e perder é da essência da democracia. Se determinado candidato tiver menos votos do que outro, deverá procurar as causas no desenrolar de sua campanha e em seu próprio Estado, não no Palácio do Planalto.

Ainda que com o presidente disposto ao papel de magistrado, existem mais nitidos em São Paulo e no Rio de Janeiro candidatos contrários a ele. Cidadãos que, se eleitos, criarão problemas para o governo federal e poderão, até, balançar as estruturas da Nova República. Eles são Paulo Maluf e Darcy Ribeiro. Por ironia, inexistem cor-

relação de forças partidárias entre eles. Maluf é do PDS, Darcy, do PDT. Os dois extremos.

O ideal, hoje, para o Sarney cidadão e político, seria a vitória de Antônio Ermírio de Moraes, em São Paulo, de Itamar Franco, em Minas, e de Wellington Moreira Franco, no Rio. Para o Sarney presidente, no entanto, será melhor que as eleições se realizem em clima de liberdade, sem a sua interferência, porque se os citados candidatos perderem, a ninguém será dado alegar que perderam apesar (ou por causa) dele. Quem ganhar levará, será respeitado e merecerá do Palácio do Planalto o mesmo tratamento destinado aos demais governadores.

Os ministros estão liberados para atuar nas campanhas, se for do desejo deles, ainda que de maneira pessoal, sem o engajamento dos respectivos Ministérios. Os do PMDB, obviamente, em favor dos candidatos do partido, e os do PFL, dos seus. Se quiserem trocar, também não haverá problema, isto é, nada terá a opor se ministros do PMDB paulista se declararem em favor de Antônio Ermírio de Moraes, ou se ministros do PFL fluminense preferirem Wellington Moreira Franco, no caso de não se efetivar a Aliança Democrática no Estado. Cada ministro, no entanto, deverá pensar bem no desgaste que poderá representar a derrota de seus candidatos.

O comportamento do presidente difere em gênero, número e grau do comportamento dos governadores dos três Estados, e a diferença induz algumas reflexões. Ainda esta semana, Franco Montoro ameaçou seus secretários com demissões e humilhações, caso não se integrem na campanha de Orestes Quércia. Em Minas, Hélio Garcia fez o diabo e terminou atrapalhando tudo, mas não desiste. Continua participante, até por conta de seu sumiço e de suas indefinições. No Rio, Leonel Brizola inicia a campanha acuado pelo fantasma da derrota e, por isso, anda pelos subúrbios com Darcy Ribeiro a tiracolo, preferindo falar mal dos adversários do que bem de seu candidato.

Por que atuam assim os três governadores? Por ter faltado a cada um deles tempo para meditação. Se não podiam armar uma sucessão vitoriosa, como parece que não podem, deveriam ao menos ter-se alheado. Deixado as decisões aos respectivos partidos, sem delas participar sendo como magistrados. A vitória de Maluf em São Paulo, se acontecer, dever-se-á a diversos fatores, mas o principal chamar-se-á Franco Montoro, justa ou injustamente. No caso de Itamar Franco tornar-se o novo governador de Minas, as contas serão remetidas a Hélio Garcia, e se, no Rio, Wellington Moreira Franco chegar em primeiro lugar, Leonel Brizola saberá por quê. Os três ficarão tentados a encontrar outros responsáveis, quem sabe até façam respingar sobre Brasília, por razões diferentes, parte de sua frustração. Mas, quando isso acontecer, ninguém acreditará. Por quê? Porque o presidente José Sarney demonstrará o acerto de sua posição, agora reafirmada, de não intervir...

C. C.